

# Jejum e Fome Zero: Elementos Quaresmais

**Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer**

A Quaresma vai chegando ao fim enquanto tempo penitencial e de conversão que a Igreja propõe como preparação para a vivência do grande mistério celebrado no Tríduo Pascal: a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Uma das práticas que a Igreja aconselha e mesmo impõe como obrigatória na Quarta Feira de Cinzas e na Sexta Feira Santa é o jejum.

Qual o sentido de jejum? O dicionário nos ajuda com algumas definições: *abstinência ou abstenção total ou parcial de alimentação em determinados dias, por penitência ou prescrição religiosa ou médica; privação ou abstenção de alguma coisa.*

Dentro de certas escolas filosóficas Greco-romanas e fraternidades religiosas jejuar, como um aspecto de ascese, foi aproximado à convicção de que a humanidade tinha experimentado um estado primordial de perfeição que foi perdida por uma transgressão original. Por várias práticas ascéticas como jejuar, praticar a pobreza voluntária e a penitência, o indivíduo poderia ser restabelecido a um estado onde a comunicação e a união com o divino foram tornadas possíveis novamente.

Conseqüentemente, em várias tradições religiosas, um retorno a um estado primordial de inocência ou felicidade ativou várias práticas de ascese julgadas necessárias ou vantajosas, provocando tal retorno. Para tal se agrupa a suposição subjacente básica de aquele jejum era de algum modo propício para iniciar ou manter contato com Deus. Em alguns grupos religiosos (por exemplo, Judaísmo, Cristianismo, e Islã) jejuar gradualmente se tornou um modo de expressar devoção e adoração a um ser divino específico.

Além da suposição subjacente básica que jejuar é uma preparação essencial para revelação divina ou para algum tipo de comunhão com o espiritual ou o sobrenatural, muitas culturas acreditam que o jejum é um prelúdio em tempos importantes na vida de uma pessoa. Purifica ou prepara a pessoa (ou grupo) para maior receptividade em comunhão com o espiritual.

Dentro da tradição judaica um só dia de jejum foi imposto pela lei de Moisés, o Yom Kippur, o Dia do Perdão (Lv. 16:29-34), mas foram acrescentados quatro dias adicionais depois do exílio babilônico (Zec. 8:19) a fim de fazer memória de desastres que tinham acontecido. As escrituras judaicas fixaram o jejum dentro do contexto da vigilância no serviço de Yahveh (por exemplo, Lv. 16:29ff.; Jgs. 20:26), e foi considerado elemento importante como um preliminar para profecia (por exemplo, Moises jejuou quarenta dias no Sinai ; Elias jejuou quarenta dias quando foi ao Horeb).

No entanto, a Bíblia também entende o jejum em outra chave de leitura: a prática da justiça e a solidariedade com os oprimidos. O profeta Isaías, em seu capítulo 58, diz:

- 3** De que nos serve jejuar, se tu não vês,  
humilhar-nos, se não ficas sabendo?  
Ora, no dia do vosso jejum, sabeis fazer bom negócio  
e brutalizais todos os que por vós labutam.
- 4** Jejuais, mas procurando contenda e disputa  
e golpeando maldosamente com o punho!  
Não jejuais como convém num dia  
em que quereis fazer ouvir no alto a vossa voz.
- 5** Deve ser assim, o jejum que eu prefiro,  
o dia em que o homem se humilha?  
Trata-se por acaso de curvar a cabeça como um junco,  
de exhibir na liteira saco e cinza?  
É para isto que tu proclamas um jejum,  
um dia favorável junto ao Senhor?
- 6** O jejum que eu prefiro, acaso não é este:  
desatar os laços provenientes da maldade,  
desamarrar as correias do jugo,  
dar liberdade aos que estavam curvados,  
em suma, que despedaceis todos os jugos?
- 7** Não é partilhar o teu pão com o faminto?  
E ainda: os pobres sem abrigo, tu os albergarás;  
se vires alguém nu, cobri-lo-ás:  
diante daquele que é a tua própria carne, não te recusarás.

**8 Então a tua luz despontará como a aurora,  
e o teu restabelecimento se realizará • bem depressa.**

**Tua justiça caminhará diante de ti  
e a glória do Senhor será a tua retaguarda.**

**9 Então tu clamarás e o Senhor responderá,  
tu chamarás e ele dirá: Aqui estou!**

**Se eliminares de tua casa o jugo,  
o dedo acusador • , a palavra maléfica,**

**10 se cederes ao faminto o teu próprio bocado,  
e se aliviares a garganta do humilhado,**

**tua luz se levantará nas trevas,  
tua escuridão será como o meio-dia.**

O jejum formal é relativizado por Jesus no Novo Testamento (Mt. 6:16-6:18). E justamente porque o primordial é a prática da caridade. Vários textos neo-testamentários o demonstram (cf. Mt 6, 16-18), ao mesmo tempo que afirmam que o dar de comer a quem tem fome não somente é o centro da mensagem evangélica, mas é critério fundamental para a salvação (cf. Mt 25, 36 ss).

Esta síntese cristã da prática ascética do jejum não desapareceu da espiritualidade cristã. Pelo contrário, tornou-se a prática ascética favorita dos monges do deserto , homens e mulheres que viram isto como uma medida necessária para livrar a alma dos apegos mundanos. A própria tradição Cristã fixou e desenvolveu gradualmente jejuns sazonais, ou seja, próprios a uma determinada época do ano litúrgico. A Quaresma é um deles.

No Brasil onde o projeto Fome Zero é prioridade nacional, a Igreja nos conclama a, neste final de Quaresma, examinar-nos a respeito de nossos hábitos alimentares e de nossa disposição para um jejum como aquele que Deus pede de seu povo e de seus filhos: um jejum que se traduz em justiça para os que não têm o que comer e que se abstém dos excessos alimentícios para saciar a fome alheia.